



A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO COMO FATOR NECESSÁRIO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

ARAÚJO, Eleno Marques; SILVA, Wellington Jhonner D. B da

Universidade Estadual de Goiás.

UnU-São Luís de Montes Belos; UnU-Iporá.

¹onelecp@yahoo.com.br; ²wellington.jhonner@ueg.br

RESUMO: *O presente trabalho aborda o processo de interação entre professor-aluno e suas implicações na aprendizagem por meio da identificação de pontos relevantes, nas concepções que possam estimular professor e aluno para uma convivência de afetividade no processo educativo levando-os a uma educação de qualidade no processo metodológico. O estudo deste tema possibilita compreender o quanto a prática educativa é de grande relevância na formação do educando-cidadão. Assim, faz-se uma análise reflexiva dos principais problemas cotidianos enfrentados na sala de aula pelos alunos e professores, em suas interações, enquanto sujeitos inerentes do processo educacional e lança subsídios que viabilizam uma educação na qual a relação professor aluno se baseie principalmente no respeito mútuo. Com efeito, para o refinamento das ideias nos aportamos, especialmente, em teóricos como: Gómez (2001), Gikovate (2001), Werneck (1999), Freire (1992), dentre outros.*

Palavras-chave: *Aprendizagem; Motivação; Afetividade.*

INTRODUÇÃO

A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares. Trata-se de uma relação que deixa marcas e que deve sempre buscar a afetividade e o diálogo como forma de construção do espaço escolar. Acredita-se que a relação estabelecida entre professores e alunos constitui a base do processo pedagógico, até porque é impossível desvincular a realidade escolar da realidade de mundo vivenciada pelos discentes e docentes.

Este assunto tem provocado, cada vez mais, interesse nos profissionais da educação, psicólogos, pais e outras pessoas que veem no relacionamento “amigável” a possibilidade de superação de várias dificuldades.

Nas relações internas numa escola o que se observa é que nem todos são tratados igualmente, principalmente os alunos. Normalmente, estes não são estimulados a manifestar seus pontos de vista e a participar nas tomadas de decisões relativas à vida escolar. Na relação professor-aluno é a existência e manutenção de um autoritarismo



que começa hierarquicamente na instância superior, na figura do (a) diretor (a) e se reforça e perpetua na sala de aula onde seus efeitos são mais nefastos, com raríssimas exceções.

OBIJETIVOS

A intenção deste estudo é identificar os fatores que dificultam o relacionamento entre professor e aluno, compreender como uma boa relação entre eles contribuem para o processo de ensino-aprendizagem e, por fim, propor alternativas as quais possam contribuir para a melhoria deste relacionamento, tendo como foco uma perspectiva de aprendizagem produtiva.

MATERIAIS E MÉTODOS

O desenvolvimento deste trabalho teve por base o conceito de Inteligência Emocional, doravante, IE. A IE desde o seu surgimento foi levada em consideração como fator de provável resgate de valores entre alunos, professores e famílias ao se pensar o ambiente da sala de aula. A metodologia adotada consiste, portanto, em uma revisão bibliográfica, a qual permite ao pesquisador revisitar as teorias já existentes sobre o assunto. Neste sentido, compreende-se a IE como algo que está relacionada às habilidades tais como motivar a si mesmo e persistir mediante frustrações; controlar impulsos, canalizando emoções para situações apropriadas; motivar pessoas, ajudando-as a liberarem seus melhores talentos, e conseguir seu engajamento a objetivos de interesses comuns.

A IE foi popularizada a partir de 1995, pelo psicólogo, jornalista e escritor Daniel Goleman, com o fascinante livro, o qual traz o termo como título. Por meio de uma análise coerente e inteligente, Goleman mostra que o QI elevado de uma pessoa não é garantia de sucesso e felicidade, contrariando o saber científico expandido até então. Utilizando-se de métodos de pesquisa inovadores que avaliam estados mentais, ondas cerebrais e comportamentos, ele demonstra que pessoas de QI elevado podem



fracassar, enquanto pessoas que apresentam quociente mais moderado nos testes obtiveram sucesso em seus projetos e metas pessoais e profissionais. Isto se torna importante quando levado para sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No processo ensino aprendizagem são muitas as dificuldades encontradas pelos professores. O professor e pesquisador Demo (2010) afirma que entre os principais desafios da educação na atualidade está o de aprender a aprender. Hoje, no ambiente de ensino: a sala de aula. O professor deve buscar as mais diversificadas formas de ensinar, a fim de superar as múltiplas dificuldades que se depara no dia a dia. A esse respeito Werneck (1999, p. 61) elucida que:

educar é difícil, é trabalhoso, exige dedicação, sobretudo aos que mais necessitam. Transferir problemas é fugir da verdadeira educação, é uma espécie de médico que transfere o doente de hospital, lava as suas mãos e não se sente comprometido com o caso quando da morte do paciente, porque aconteceu em outro hospital e em outras mãos.

A sala de aula é um espaço socialmente instituído, mas a forma de sua ocupação cria a sua especificidade. No livro *Sala de aula que espaço é esse?*, seu autor Regis Morais, fala sobre esse ambiente de aprendizagem tal como é e como deveria ser, segundo sua opinião. Para ele, a sala de aula deveria ser um lugar de vida, de relações entre pessoas, os objetos e símbolos aí usados tais como: os planos de ensino que são próprios e específicos do ato de ensinar, bem como as metas a serem alcançadas, tendo presente o sentido relacionar a cultura popular com a cultura escolar. Pode-se entender que para haver mudanças, é preciso que o próprio estudante, de forma geral, mude a sua concepção de mundo e de ser e estar no mundo.

O autor afirma claramente que para haver aprendizagem o espaço da sala de aula deve ser verdadeiramente um ambiente que propicie esta. O indivíduo deve ser entendido e estudado em sua totalidade e não simplesmente por partes. E que também só o currículo não basta, é preciso estar ligado a tudo o que completa o indivíduo,



incluindo aí até mesmo as diversidades sociais e culturais que formam o local de contextualização de cada sujeito concreto.

Pérez Gómez (2001, p. 1) propõe a sala de aula como um espaço privilegiado para o encontro de culturas:

o responsável definitivo da natureza, do sentido e da consistência do que os alunos e as alunas aprendem em sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola, entre as propostas da cultura crítica, alojada nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da cultura acadêmica, refletida nas definições que constituem o currículo; os influxos da cultura social, constituída pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões do cotidiano, da cultura institucional, presente nos papéis, nas normas, nas rotinas e nos ritos próprios da escola como instituição específica; e as características da cultura experiencial, adquirida individualmente pelo aluno através da experiência nos intercâmbios espontâneos com seu meio.

É necessário ter consciência de que a sala de aula não é um espaço homogêneo, composto por pessoas dispostas a ouvir e aceitar, tranquilamente tudo que o professor tem a dizer. Percebe-se claramente que os tempos são outros. As pessoas mudam a todo o momento e seus interesses também. Sendo assim, torna-se necessário entrar em sala de aula com uma proposta clara e objetivamente articulada às realidades dos ouvintes. O docente é a pessoa de natureza competente e, portanto, a referência no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, deve ter sensibilidade para perceber não só a sua função, mas a importância da mesma no processo ensino aprendizagem. Neste sentido, Gikovate (2001, p. 49), ressalta que:

dentre todos os personagens que integram uma instituição educacional, o professor fica com papel principal. Cabe-lhe a tarefa crucial de se apresentar várias horas por dia perante uma ou mais platéias heterogêneas é nada fácil de cativar. Os estudantes são crianças, adolescentes ou adultos e nem sempre estão espontaneamente interessados nos temas que são objeto das aulas que têm de assistir.

Observa-se que o ofício de ser professor nem sempre é tão fácil. Aceitar os desafios constantes de perceber seu público sensibilizar-se e articular suas práticas de ensino a esse público é uma tarefa que exige, além do profissionalismo, muita dedicação e amor ao que se faz. A partir das ideias de Freire (1996), entende-se que não é possível



respeitar o educando sem levar em consideração o seu ser em formação, bem como suas condições de existência na sociedade.

Como o ensino não pode e não deve ser algo estático e unidirecional, os professores devem lembrar-se de que a sala de aula não é apenas um lugar para transmitir conteúdos teóricos; é, portanto, de vivência e também, local de aprendizado de valores e comportamentos, de aquisição de uma mentalidade científica lógica e participativa, que poderá possibilitar ao aluno, bem orientado, interpretar e transformar a sociedade e a natureza em benefício do bem-estar coletivo e pessoal. Nesse sentido, entende-se que o professor é peça fundamental no processo educacional, pelo papel que ele representa diante do aluno, como educador e transmissor de conhecimentos. Porém, ele é esmagado pelo sistema que não lhe dá condições necessárias para desempenhar satisfatoriamente esse papel, e ainda é acusado pelo fracasso do ensino.

O trabalho docente constitui objetivamente o exercício profissional do educador, representando seu primeiro compromisso com a sociedade. Seu compromisso, frente aos novos tempos e a uma nova época que se impõe, é a de preparar (e não, propriamente, tornar) os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho e na vida cultural e política. É, portanto, uma atividade de cunho social, porque contribui para a conscientização e a conquista democrática.

A pedagogia que se fundamenta em uma concepção consciente de educação está interessada em incorporar, na atividade docente, elementos de mudança que demonstrem a qualidade pretendida para o ensino. Sendo assim, busca-se garantir ao aluno, através do professor, uma formação mais sólida e consistente, que privilegie o processo de construção do conhecimento.

Este processo de aprendizagem é compreendido como decorrência das trocas de informação que o aluno estabelece na interação com o meio natural, social e cultural. Cabe ao progenitor das informações, exercer a mediação desse processo e articular essas trocas, tendo em vista a assimilação crítica e ativa de conteúdos significativos, vivos e atualizados. Isto é, a aprendizagem só se concretiza quando o aluno vê significado naquilo que lhe é transmitido.



Deve-se ter em mente que o ato de ensinar e de aprender é uma troca de saberes, de informações, de experiências onde se torna de suma importância que o professor seja, acima de tudo, um educador que enfrente desafios e possa encarar os problemas presentes na sua formação e, conseqüentemente, compreender que o conhecimento se processa através de valores que norteiam e justificam a aprendizagem, nas relações interpessoais dos sujeitos envolvidos no processo e que o vivenciam, não só em sala de aula, mas que se estende na vida. Desta forma, a reflexão sobre a importância do papel do professor e do seu relacionamento com os educandos, se estende ainda mais, pois, a todo instante mudanças acontecem, onde as descobertas sempre trazem expectativas que muitas vezes não são tão claras e, por isso, preocupam e deixam os professores preocupados quanto aos resultados alcançados com suas aulas, mediante as mudanças e expectativas depositadas em seu atuar.

É interessante observar que, do mesmo modo que as preocupações surgem, as novas descobertas possibilitam ao professor se atentar para os limites que envolvem os sujeitos distintos dentro de sala de aula, sabendo que os alunos esperam concretizar suas expectativas de aprendizagem e reciprocidade de carinho, atenção e compreensão em sua pessoa, por parte do professor. É, portanto, um grande desafio para o professor alcançar as expectativas do aluno. Objetivando enfrentar esse desafio inclui necessariamente a superação do medo, a fim de contribuir para um futuro melhor, onde se deve romper com antigos conceitos (às vezes, ultrapassados), através da crítica, criatividade, afetividade e diálogo, para a construção de novas formas de conhecimento.

Sobre isto, Rodrigues (1997, p. 64), ressalta que:

assim, a escola tem por função preparar e elevar o indivíduo ao domínio de instrumentos culturais, intelectuais, profissionais e políticos. Isso torna sua responsabilidade pesada e importante. Assim dimensionada a tarefa da escola, evidencia-se a expectativa que sobre ela recai no contexto da sociedade.

Tendo em vista a função da escola e o papel do professor dentro dela, no seu ambiente específico, que é a sala de aula, é comum deparar com alguns problemas que afligem este espaço. Um dos fatores que tem preocupado estes profissionais é o



aumento da violência, atualmente, fala-se muito em *bullying*. Esta tem provocado muitas reflexões sobre a ausência da escola no desenvolvimento de habilidades sociais.

Quase todos os dias é possível acompanhar pelos noticiários atos de vandalismos, depredações, assaltos, medo e insegurança nas escolas. Estes problemas há muito tempo rondam o ambiente escolar e, infelizmente já ultrapassaram os muros e se instalaram dentro da sala de aula. Percebe-se ainda, que, em tempos anteriores isto era mais comum nas cidades grandes. Porém, a violência se alastrou e hoje é possível constatar que já acontece em lugares pequenos também.

Muitos educadores são ameaçados e amedrontados por uma minoria de alunos na sala de aula, mas que assustam pela ousadia e indisciplina. De um lado professores que têm como arma *apenas* o diálogo. Do outro, “crianças” que intimidam com promessas de perseguição, ameaças de morte e até mesmo com porte de armas de fogo.

Outro problema que precisa ser eliminado da sala de aula é a indisciplina. O mau comportamento de alguns alunos tem sido motivo de grandes preocupações para os professores. A indisciplina escolar constitui um dos grandes desafios com os quais se defrontam as instituições de educação básica, públicas e privadas no Brasil. Ela abrange diversas formas e mecanismos de expressão, e reflete um grande grupo de causas de diversas naturezas.

A indisciplina tem origem em diversas causas. O aluno contesta o educador porque não está de acordo com as exigências da escola e do professor, com os valores que este pretende transmitir de forma impositiva, com os critérios de avaliação que ele adota, com sua imparcialidade. Nestes casos, existe entre o professor e o aluno uma relação desequilibrada. O aluno não aceita o professor ou a sua disciplina. O professor não consegue motivar o aluno ou despertá-lo ou cativá-lo e assim vai gerando uma série de problemas os quais levam a uma situação desfavorável com graves consequências para a aprendizagem. Por meio dos ensinamentos de Aquino (2003), compreende-se que a indisciplina traduz numa espécie de efeito de inconformidade por parte do alunado, aos anacrônicos padrões de comportamento nos quais as escolas ainda parecem inspirar-se. Neste sentido, enquanto houver professores impondo comportamento, sempre haverá



alunos protestando e procurando meios de fugir destas regras que lhes parecem ser arbitrárias.

Às vezes, os agentes causadores da indisciplina podem ser externos à aula como, por exemplo, problemas familiares, inserção social ou escolar, excessiva proteção dos pais, carências sociais, forte influência de ídolos violentos, etc. Já nestes casos, o professor pouco pode fazer. Outro problema não menos preocupante do que a violência é a falta de interesse de alguns alunos para aprender. Esta atitude se revela por meio da indisciplina. As causas desses problemas são muitas e se referem não somente aos alunos como muitos podem pensar, mas também (e talvez, principalmente) aos professores.

Os motivos para os alunos não se interessarem na aula vão desde os mais simples aos mais complexos. Existem os conflitos internos, causados por problemas na família ou na sociedade e que afetam o aluno na sala de aula e também outros fatores que podem estar relacionados às capacidades cognitivas, físicas, afetivas, éticas e estéticas.

Já sobre o que o professor tem a ver com a falta de interesse dos alunos os motivos são mais passíveis de compreensão. Pode-se citar primeiramente, a imposição, o autoritarismo. Alguns professores acreditam que esta é a maneira correta de lidar com os alunos, impondo. Entretanto, esse ato não leva o aluno a nenhum tipo de interesse. O respeito sim, pode levar ao interesse e este deve ser construído de forma mútua.

Ao discutir sobre o papel da escola no desenvolvimento e aprendizado do aluno, não se pode deixar de considerar a forte influência do professor na vida da criança. Analisando algumas dimensões dessa influência pode-se citar a observação que a criança faz dos comportamentos sociais desempenhados pelo professor em classe, que servem como modelo para a aquisição e desenvolvimento do repertório de habilidades sociais da criança.

Entende-se que um ensino construído com base no diálogo é que pode proporcionar a compreensão de situações conflituosas em sala de aula. Vasconcellos (1995) declara que o espaço da sala de aula no ambiente escolar deve ser verdadeiramente humano, no sentido de constituir um espaço democrático onde se



cultiva o diálogo e a afetividade humana, em que se pratica a observação e garantia dos direitos humanos (constitucionais). Sendo assim, entende-se que este clima caloroso deve refletir um conhecimento e preocupação quanto aos estudantes enquanto pessoas, tendo em vista suas condições concretas, individualidades e singularidades.

Tratando-se do assunto na prática, o que se deseja, é que a educação escolar represente mudança. Freire (1991) evidencia que se deve cultivar uma postura, sobretudo, entre os professores, de interesse e compromisso pelas metas, realizações e problemas dos estudantes, bem como de apoio às suas atividades curriculares e extracurriculares.

Freire (1992, p. 11), posiciona bem a questão a dizer que: “é na fala do educador, no ensinar (intervir, devolver, encaminhar), expressão do seu desejo, casado com o desejo que foi lido, compreendido pelo educando, que ele tece seu ensinar. Ensinar e aprender são movidos pelo desejo e pela paixão”.

Para que haja uma boa convivência entre professor e aluno é necessário humildade e um bom diálogo. Este é o primeiro passo para que seja possível iniciar qualquer processo de mudança, pois a confiança entre professor e aluno é primordial.

Falar sobre o diálogo em sala de aula na relação professor/aluno possibilita que se possa ter certeza da sua grande importância nas relações sociais e interpessoais. Em qualquer ambiente de convívio social como família, igreja, escola, locais de trabalho ou até mesmo em um encontro casual com os amigos na rua, o diálogo é visto como fundamental na promoção da compreensão, da paz, da verdadeira convivência respeitosa entre os seres humanos.

No ambiente da sala de aula, a comunicação tem, portanto, para o professor, um papel de fundamental importância na concretização de seus objetivos. Se os objetivos dele são determinados apenas a manter os alunos calados e quietos enquanto ministra o conteúdo de sua disciplina, o professor, inevitavelmente, dificilmente conseguirá concretizar tais objetivos.

Segundo Freire (1967, p. 66) “[...] o diálogo é uma relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança”. Na fala de Freire, percebe-se a ligação



entre o diálogo e o fator afetivo que norteará a virtude primordial do diálogo, o respeito aos educandos não somente como receptores, mas enquanto pessoas.

As relações afetivas que o aluno estabelece com os colegas e professores são de grande valor na educação, pois a afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida. A pessoa sempre envolve seu lado afetivo, emocional em suas relações.

Sabe-se que motivar para a aprendizagem escolar não é uma tarefa fácil, pois se percebe que os alunos não encontram motivos para aprender. E se o aluno não vê significado nesta aprendizagem, provavelmente não terá interesse em aprender. Para que estes problemas não se tornem insolúveis, o professor precisa analisar cada caso e aprender a olhar de forma diferente, procurando entender quais as causas que levam os alunos a agirem dessa forma e o que é possível fazer para que esta realidade reverta em benefícios no processo de aprendizagem.

A aprendizagem se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O professor precisa ser consciente de que o prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Sendo assim, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

Para Freire (1997), os sujeitos que dialogam aprendem e crescem na diferença. Assim, temos que respeitar e aceitar, de verdade, o outro, o diferente, o que significa reconhecê-lo como outro, conviver com essa diferença. O outro é aquele com quem, por meio do diálogo, podemos compartilhar um mundo mais diversificado. Dar possibilidades para o aluno expressar-se é uma maneira de permitir-lhe a participação.

Entende-se que o papel do educador em conduzir seus alunos à criticidade deve ser essencialmente recíproco, já que há uma troca de experiências na busca da aquisição de novos conhecimentos e novos caminhos a serem seguidos. Como bem destaca Paiva (1987, p. 6) “compete ao educador, praticar um método crítico de educação... que dê ao aluno oportunidade de alcançar a consciência crítica instruída de si e de seu mundo”.



Assim, como o diálogo, o fator afetivo tem sua relevância na interação professor-aluno, o que é enfatizado por Aquino (1996, p. 50):

os laços efetivos que constituem a interação Professor-Aluno são necessários à aprendizagem e independem da definição social do papel escolar, ou mesmo um maior abrigo das teorias pedagógicas, tendo como base o coração da interação Professor-Aluno, isto é, os vínculos cotidianos.

A escola fundamente é um local onde o compromisso maior que se estabelece é com o processo de transmissão e produção de conhecimento, sendo assim pode-se afirmar que “as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente” (ALMEIDA, 1999, p. 107).

Finalmente é interessante observar que a relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorre a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar, pois a família é o primeiro contato que a criança estabelece socialmente com o mundo. A base desta relação, portanto, é afetiva, pois é por meio de uma forma de comunicação emocional que o bebê sensibiliza o adulto, garantindo assim os cuidados de que necessita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem. Seu status é fundamental nos primeiros meses de vida, determinando a sobrevivência. Da mesma forma, é a partir da relação com o outro, por meio do vínculo afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo. Nessa perspectiva, para a criança, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo, o qual vai ampliando-se no transcorrer de sua vida. Logo, a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem na época escolar e se estende até sua maior idade.



Pode-se depreender de tudo que já foi mencionado que o relacionamento entre professor e aluno deve ser de amizade, de respeito mútuo, de troca de solidariedade, não aceitando de maneira alguma um ambiente hostil e opressor que semeie o medo, a violência e a raiva no contexto de sala de aula. A prática pedagógica deve sempre prezar o bem estar do educando, sobretudo, por meio do diálogo. Quando o educador consegue entender o poder dessa ‘pedagogia do amor’ e toda a paz que a mesma traz, mais alunos aprenderão com maior facilidade e gosto e, acima de tudo, mais professores notáveis e inesquecíveis passarão pela vida dos educandos deixando suas marcas positivas.

Portanto, a relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Apesar de estar sujeita a um programa, e a normas da instituição de ensino, a interação do professor e do aluno forma o centro do processo educativo. A relação professor- aluno pode se mostrar conflituosa, pois se baseia no convívio de classes sociais, culturas, valores e objetivos diferentes. Essa relação deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interno, isto é, fortalecer-lhe as bases morais e críticas, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser dado.

Diante do que foi exposto, percebe-se que o relacionamento professor-aluno é dinâmico, cabendo ao professor ter sabedoria para lidar com cada situação que se apresente e ter em mente que deverá estar ligado ao fato de que o ensinar não é apenas transmissão de conhecimentos, mas também um total envolvimento com situações e a formação de seus alunos como seres pensantes e atuantes capazes de construir o seu conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.
- AQUINO, J. R. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In. J. R. G. AQUINO (Org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus editorial, 1996.



DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1991. 79 p.

_____. **O sentido da aprendizagem**. In: Paixão de aprender. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIKOVATE, Flávio. **A arte de educar**. Curitiba: Nova Didática, 2001.

MORAIS, João Francisco Regis. **Sala de aula que espaço é esse?** Campinas: Papirus, 1986.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Art Med, 2001.

PAIVA, V. P. **Educação Popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1987.

VASCONCELLOS, Celso. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 4. ed. São Paulo: Libertad, 1995.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.